

inverso

W

# CÊS NUNCA, INCLUÍAM *MULHERES*





# MOVIMENTO INVERSO

## Caros leitores da Inverso,

Este texto deveria ser uma carta editorial – ou algo do tipo, confesso que não sou exatamente especialista nessa área – mas, como não estou muito familiarizada com o formato “correto”, decidi transformar isso em um conjunto de reflexões sobre o mundo do hip hop em 2024.

E que ano foi 2024, hein? Parafrazeando a poderosa Barona: “Aguenta no fôlego, é muita pancada. Muita pancada não aguenta no fôlego.” Tivemos de tudo: polêmicas, brigas, intrigas... uma sequência interminável. Escolher entre ser “time Kendrick” ou “time Drake” virou quase uma avaliação de caráter. Falamos sobre P. Diddy, criticamos álbuns como quem reclama do chefe numa segunda-feira cheia de ranço, e nos decepcionamos com alguns artistas e produções nacionais. Mas também tivemos momentos incríveis, entrevistando pessoas inspiradoras e talentosas.

Além disso, muita coisa mudou aqui na casa. Pessoas que fizeram história na Inverso se despediram, enquanto novas vozes chegaram trazendo energia e ideias frescas. Iniciamos projetos que marcam um novo momento para a revista, sob uma nova direção – e, sim, eu faço parte disso tudo (risos).

A verdade é que manter a Inverso viva e pule não foi nada fácil, mas foi graças a muita dedicação e, principalmente, àqueles que, como você, tiram um tempinho para ler nossos textos e apoiar nosso trabalho. A mídia independente enfrenta muitos desafios, e a valorização – seja do público, de outras mídias, ou até mesmo de artistas – nem sempre é como gostaríamos. Ainda assim, encontramos pessoas incríveis pelo caminho, que contribuem de formas grandiosas e ajudam a construir uma Inverso única.

É essa Inverso que queremos compartilhar com vocês em 2025 – mais forte, mais surpreendente e mais conectada. Que possamos continuar trilhando juntos essa jornada e mantendo a energia para criar conteúdos especiais, assim como a revista e nossos formatos mais conhecidos. Um abraço a todos e um feliz ano novo!

# INVERSOS

Alexandre Prado é artista de rap da Zona Leste de São Paulo. Inserido no meio, escreve como entendedor do mundo Hip Hop



Amanda Braun é goianiense do pé rachado em terras cariocas. Transita pela cidade e o campo. Fotógrafa e videomaker advinda da arte de guerrilha, segue buscando apreender a relação dialética entre forma e conteúdo.

Danilo Valadares se formou em jornalismo pela PUC MG em 2024. Interessado por música desde sempre, ingressou no curso com a intenção de participar de mídias independentes que cobrem o cenário



Diana Paraiso é produtora executiva e cultural e desenvolve projetos pela sua empresa GRAVE. Formada em Licenciatura em História e graduanda em Artes Visuais busca fomentar as multilinguagens artísticas principalmente música atuando como DJ set sob o vulgo DJ Panther.



Gabriel Diamantino é jornalista formado pela PUCSP graças a programas governamentais. Por acaso, descobriu-se publicitário e segue nisso até hoje. Especialista em passar visões esquisitas sobre suas obras de mídia favoritas, sejam elas música, filmes, desenhos, games ou seja lá o que for.

Gabriel é Designer Gráfico com mais de 10 anos de experiência na área. Contempla a cena underground do rap brasileiro desde a adolescência e milita na juventude do PCBR pelo poder popular, no rumo do socialismo.



Guilherme, bacharelando o último período de Ciências Contábeis pela UFF. Apaixonado por Hip Hop, curioso por esportes e doente por Flamengo. Beatmaker semi-aposentado, fala sozinho e escreve sobre Hip Hop para tentar calar os demônios internos e agradecer a cultura que o mantém vivo

Graduando em Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua há 3 anos na cobertura do rap e do funk nacional, com passagens e textos publicados nos veículos FlagraRap, MonkeyBuzz e Noize. Fotógrafo amador — aquele que ama muito —, também se aventura a rimar quando dá na telha e acredita que o Menó Toddy revolucionou o trap brasileiro.



Lp cursa Relações Públicas pela UERJ e foi criado na mistura das zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro. Produtor cultural, pesquisador, assessor de imprensa e jornalista musical, há 5 anos dedicado a fortalecer o quinto elemento do hip-hop. Trabalho pela cultura e para a cultura, onde o conhecimento reina supremo. Poeta das ruas nas horas vagas, um dia largo tudo e viro trapper.



Marina Reis é fotógrafa e diretora de arte belorizontina, nascida e criada na zona leste. Trabalhando com fotografia analógica e digital, retrata a cena do Grime brasileiro também construindo projetos relacionados à moda.



Matheus Malerbo, é consumidor árduo da cultura hip-hop, começou a escrever sobre rap em 2021 e desenvolveu um enorme apreço pela análise crítica e os diversos sentimentos que opiniões sobre música causam. Motivado pela ausência do rap em sua cidade natal, busca expressar em seus textos um pouco de sua paixão pelas rimas.

Jornalista, escritor, pesquisador, curioso e falador, Ravi nasceu e cresceu na Paraíba. Escreve sobre tudo que ama e o seu primeiro amor foi a música.



Sah de Aquino é designer por formação, fotógrafa e videomaker. Com foco no movimento das festas de Belo Horizonte, construiu fortes laços com o hip hop, sendo esse seu principal foco atualmente.

# FECHAMETO



Cadu Passos é fotojornalista, midiativista e um dos fotógrafos da Família de Rua e do Duelo de MC's. Apaixonado pela cultura de rua, registra as manifestações político culturais em todo Brasil desde 2013, ajudando a contar a história do cotidiano a partir de sua vivência na rua.



JARNALDAO é um artista mineiro multidisciplinar, atua desde 2019 no cenário criativo principalmente como fotógrafo e designer. Com seus projetos pessoais, tem como propósito documentar com o seu olhar a cultura, o movimento e as pessoas, enfatizando o diálogo que existe e acontece em nossa volta, e a forma com que a cultura se conecta com nosso pluriverso e influencia nossa grande comunidade.

## PARCERIA flagra...



Kleber Briz é professor de formação, apaixonado por rap a mais de 20 anos. Contribuiu com o Genius Brasil e é um dos fundadores da Flagra.



Natural de Maceió-AL e membro da Flagra Rap, Paulo Neto é especializado em análises lírico-musicais e culturais do rap. Com experiência em redação crítica e edição audiovisual, destaca-se pela abordagem que analisa técnica e conceito, encarando o hip hop como uma força educativa para a sociedade.



# MC SOFFIA NO PRESENÇA FESTIVAL: CELEBRANDO CORPOS NO CIRCO VOADOR



Texto e fotos por:  
Amanda Braun



MC Soffia é uma representante poderosa do rap feminino no Brasil, e sua apresentação no Presença Festival 2024 (08 de junho), no Circo Voador, não é apenas um espetáculo de talento, mas também um ato de resistência e afirmação. Em mais um ano de celebração ao mês do orgulho LGBTQIAPN+ o Circo Voador abre as portas pra uma das iniciativas mais importantes do ano, celebrar



a existência dos corpos e da resistência contra o preconceito.

Desde muito jovem, ela mergulhou no universo do rap, um gênero historicamente dominado por homens. Soffia tem quebrado barreiras, desafiando estereótipos e inspirando meninas e mulheres a ocuparem



espaços onde a sua presença era, até pouco tempo, quase inexistente.

No Presença Festival, sua performance transcende a música, trazendo à tona a importância de se ter mulheres no rap, não apenas como artistas, mas como figuras centrais no movimento cultural e social. Seu trabalho é uma prova de que a voz feminina é fundamental para a evolução do gênero e para a construção de um rap não exclusivo e plural.

Há quem diga que MC Soffia não faz mais rap e que teria se rendido ao pop, o que para quem acompanha sua trajetória há mais de 10 anos

fazendo rap soa bem controverso. Desde que começou sua carreira, ainda criança, ela foi uma das grandes promessas do rap nacional, sempre com letras de empoderamento, resistência e representatividade. Sua evolução artística não significa que ela tenha abandonado suas raízes, mas sim que, como qualquer artista, ela se reinventa,



explorando novas sonoridades e ampliando seu alcance. Ela segue levando a potência e a atitude do rap sem abrir mão da mensagem.

No fundo, é uma demonstração da capacidade de adaptação e crescimento artístico, e não uma “rendição”, como alguns querem afirmar. Se Cardi B, Megan Thee Stallion e Nicki Minaj produzem clipes e performances servindo a estética da fan base do pop. Cantam, dançam e servem barras, porque Mc Soffia não poderia?





# 2013

## RAP E OUTRAS PARADAS

Ninguém tá com água colorida porque está com sede

Cês não viram a era dos sintéticos, é 2013'

— Bang - Shaw (prod. Tropkillaz)



Texto por:  
Guilherme Alves



Aparentemente, eu sou 25% caucasiano (meu avô era mais branco que o público da NFL, aquela mesma organização na qual Kendrick Lamar se apresentou na final). A mesma NFL que cortou Colin Kaepernick por protestar contra a violência policial. A mesma NFL com a qual Jay-Z trabalha hoje, mesmo tendo defendido Colin anteriormente. A mesma NFL que eu, hipocritamente, gasto cerca de 6 horas do meu fim de semana assistindo.

Me distraí, perdão.

Dizia isso porque só um parente branco na minha árvore genealógica explica por que eu gosto de Justin Timberlake, que, aliás, lançou um baita álbum em 2013! Ele usa talentos de pessoas pretas em suas produções geniais e se apropriou da cultura? Sim! Mas levanta o pé, porque eu tô passando pano!

‘The 20/20 Experience’ é brabo! Ainda assim, me recuso a fazer uma review mais extensa para esse yakubian devil (procure o significado antes que os Illuminati destruam o mundo).

Naquela época, eu ainda consumia muita TV, porque não tinha internet em casa. Amava o sarcasmo de Dr. House no Universal Channel e as finais da NBA na ESPN — Bosh salvando o Heat e LeBron conquistando seu segundo título! Enquanto o Brasil pegava fogo com os protestos de junho, eu, ainda fissurado em TV, descobri no canal VH1 um programa chamado Behind The Music, que apresentava minidocumentários sobre a vida de artistas.

Em um episódio, o destaque era um rapper novaiorquino chamado Nas. Eu não fazia ideia de quem era o cara. Até então, só tinha ouvido o nome por alto.

Assisti ao minidoc e fiquei chocado ao saber que existia um rapper histórico que eu, no auge do meu “real hip-hop knowledge” (em 2013, eu estava bem nessa vibe, andando com um boné escrito “Compton”, mesmo que o lugar mais longe que eu tivesse visitado fosse Salvador), não conhecia.

Batalha com Jay-Z? Illmatic? Ali nascia minha obsessão por Nas, o ex da Nicki Minaj (!).

Após a morte de Biggie em 1997, o rap de Nova York ficou “órfão” de um líder. Não por falta de candidatos, já que DMX, Jay-Z e Ma\$e, por exemplo, estavam no auge e eram sucessores naturais ao trono de B.I.G. Nas, que já havia se destacado desde 1994 com o clássico ‘Illmatic’ e, em 1996, com o também clássico ‘It Was Written’, não estava em alta no final do século. Seu quarto álbum, ‘Nastradamus’, foi mal recebido.

Enquanto isso, Jay-Z ascendia meteórica e consistentemente, tendo estreado com o clássico ‘Reasonable Doubt’ em 1996. Durante a era das mixtapes em Nova York, Nas e Jay trocaram indiretas, mas foi em 2001 que Jay-Z fez um ataque direto com a faixa ‘Takeover’, mirando em Nas e no Mobb Deep.

‘Takeover’ é brilhante não apenas pelas provocações, mas por sua construção. Jay usou um sample de ‘The Bridge Is Over’, um clássico diss da ‘Bridge Wars’, conflito entre o Juice Crew, do Queens, e o Boogie Down Productions, do Bronx. Ao usar esse sample, Jay-Z foi cirúrgico: mexeu com o ego e a moral dos MCs do Queens. Ele performou a faixa no Summer Jam de 2001, em um dos momentos mais icônicos das tretas no hip-hop.

No ano seguinte, Nas respondeu com a lendária ‘Ether’, parte do álbum ‘Stillmatic’. Aos 16 anos, em 2013, eu ainda não sabia muito sobre Nas. Mas esse álbum me mostrou quase tudo que eu precisava saber. Era o retorno triunfal do MC do Queens, que revisitou o lirismo e o impacto de ‘Illmatic’.

Minha faixa favorita é ‘One Mic’, onde Nas demonstra seu amor pelo ofício. Ouvir a música e assistir ao clipe ainda me arrepia.

Outras faixas marcantes: ‘Smokin’, trilha para a galera do F1; ‘Got Urself a Gun’, um soco mental; ‘2nd Childhood’, que remete ao clássico ‘Illmatic’; e Rewind, onde Nas prova sua genialidade ao rimar a história de uma bala voltando para a arma. Simplesmente incrível.



O que tocava nos meus fones em 2013 eram, em grande parte, projetos lançados em 2012, como 1999, de Joey Bada\$\$; 'good kid, m.A.A.d city', de Kendrick; 'Orquestra Simbólica', de Shaw; e 'Em Carne Viva', de Funkero.

No rap nacional, Don L fazia história com 'Caro Vapor/Vida e Veneno', enquanto Emicida me dava um tapa na cara com 'Crisântemo', faixa de seu primeiro álbum oficial, 'O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui'.

Em novembro de 2013, MC Marechal, acompanhado de um jovem — e careca — Sant, chegou na Praça do Rap em Volta Redonda para se apresentar. No dia seguinte, num domingo frio e chuvoso, foi a vez de Shaw subir ao palco com Funkero, apresentando seu alter ego Cachorro Magro.

Melhor fim de semana da minha vida, até então.

Quase reprovei no segundo ano do ensino médio por passar horas preciosas jogando Rainbow Six.

E você? O que escutava e fazia em 2013?

---

# TODA CASA QUE TOCAM DERRUBAM



Entre umas imagens monocromáticas e outras com cores vibrantes, JARNALDAO documenta o universo da música em cima e fora dos palcos, colocando muito sentimento em cada trabalho e fazendo com que cada clique se pareça um sonho.



Fotos por:  
JARNALDAO

























# Agora CES INCLUEM MULHERES



Texto por:  
Kleber Britz



Quando fui convidado para falar sobre o rap feminino nacional, fiquei honrado e logo de cara percebi a responsabilidade de falar desse tema. Logo pensei na minha relação com essa parte da cena e como ela tem se desenvolvido ao longo dos anos.

Quando comecei a escutar rap e me apaixonei pela cultura, as referências femininas não estavam em evidência, mas não por falta de opções ou artistas de qualidade. Eram tempos diferentes, o que era popular estava longe do que vemos tocando nas rádios, nós sequer tínhamos playlists nas plataformas de streaming.

Por volta do início dos anos 2000, tínhamos Negra Li, que fez parte de um dos grupos mais importantes do rap nacional, o RZO, e uma artista que conseguiu romper a bolha do rap transitando em outros gêneros. Lembro muito das suas colaborações com Charlie Brown Jr., principalmente a versão ao vivo de “Não é Sério” (2000), e Gabriel o Pensador, com a música “Deixa Rolar” (2013). Foi nesta exata época que comecei a ouvir rap com mais atenção.

Também se falava muito de Dina Di, do grupo Visões de Rua, que trazia uma contribuição relevante para a cena, quando em um cenário machista e sexista conquistou espaço se masculinizando, mas sem deixar de exaltar a diferença do seu discurso e da sua perspectiva na música, como ela comenta para revista Época em 2002:

“O homem pode ver, mas não pode sentir. Por isso, eu tenho o maior respeito pelos Racionais, mas, vai me desculpar, chamar uma mulher de vadia é muito difícil de aceitar. O Mano Brown fala da mãe nas letras, mas nunca da mulher dele. Qual é a resposta? Resistir. Eu sou Dina Di e meu bagulho tá no sangue”.

Uma de suas músicas, A faixa “A Noiva de Tchuck”, chegou a aparecer em várias premiações da época — o grupo da artista levou o Prêmio Hutúz em 2009. Estes resultados e a postura diante do contexto fazem com que a artista seja reverenciada nos dias de hoje.

Importante destacar que elas não eram as únicas mulheres a fazer rap naquela época, mas com certeza eram as mais populares, no sentido de serem reconhecidas com maior facilidade pelo público devido ao impacto de algumas de suas músicas. De lá para cá, minha relação com o rap feminino nacional mudou muito, evidentemente pelo meu amadurecimento pessoal, mas também pela própria

maneira como elas conquistaram um espaço que era de direito delas.

O primeiro disco de uma artista feminina que eu coloco como um dos melhores já feitos no rap nacional foi Batuk Freak, da Karol Conká, lançado em 2013. Me recordo como se fosse ontem eu escutando o disco pela primeira vez e instantaneamente ficando obcecado com aquelas músicas, tendo “Gueto ao Luxo”, “Bate a Poeira” e “Caxambu” se tornado algumas das minhas favoritas até hoje. Considero este disco uma das obras primas do rap nacional, a produção do NAVE é linda e muito bem feita, mas é a Karol que rouba a cena nas letras e nos vocais.

De lá para cá passei a dar mais atenção ao rap nacional feminino, mas percebendo que estava na verdade dando mais atenção ao rap nacional como um todo. A cada ano que passava ficava mais evidente para mim que as mulheres não só vinham lentamente construindo espaço próprio delas, mas também reinventando a cena.

Em 2017, Flora Matos deixou todos em choque com o lançamento de Eletrocardiograma, outro disco que deve ser colocado entre os melhores já lançados. Ela já tinha um hit, “Pretin”, que tocava muito nas rádios, mas foi Eletrocardiograma a transformou em um fenômeno nacional. Para além dos sucessos óbvios desse disco, considero “Como Faz” uma das composições mais lindas já lançadas pela forma como ela trata o afeto na canção, versos que podem ser comparados as mais românticas do Gilberto Gil ou Milton Nascimento, dois dos nossos maiores compositores nacionais. Mas esse disco se tornou um pelo exemplo de como o amor pode ser o eixo principal de um disco, para além de um amor romântico.

Que disco você vai ouvir dia 8 de março? - Flora Matos em “Preta de Quebrada 2”

Tássia Reis se mostrou ao longo da última década como uma das artistas mais criativas na produção de videocliques e misturas de rap com outros gêneros da música negra. “Me Rapjazz” me arranca arrepios até hoje e foi lançado com um videoclipe para dar inveja a muitas produções internacionais. Outra Esfera consolidou essa habilidade da Tássia de juntar diferentes gêneros com facilidade.

Drik Barbosa mais ou menos no mesmo período se mostrou uma das melhores compositoras do rap nacional, se destacando com seus versos na era dos cyphers, chamando atenção em “Mandume” (2015) e “Poetas no Topo 3.1” (2017), não só batendo de frente com alguns dos MCs considerados os mais líricos da cena, como Emicida e Don L, e fazendo isso de maneira bastante original, sem perder sua característica em incluir melodias nas rimas. Contudo, sua qualidade não era pontual, nos entregando um discos solos, Espelho (2018) e Drik Barbosa (2019), que bateram de frente com os melhores dos seus respectivos anos.

*Mulher periférica sistema teme  
Trazendo algo novo voltarei mais vezes  
Vim foda em dobro tipo Tasha e Tracie  
'To que nem Latifah sou queen  
Me reinvento tão clássica como jeans  
Enfática acordo sua mente te revoluciona  
Tipo fuck the police  
Harmonia somos canção  
Bem mais que refrão rimas e melodias  
Minha escola foi Lauryn Baduh e Dina  
Hoje referência siga Djamila  
Minhas linhas são baque no peito bate  
Meu corre é na rua não na timeline  
Faz texto discursa posa pros click  
Mas não bota uma mina preta nos clipe  
Geração puro ego é sem debate  
Fantástica fábrica de quem só late  
Hip-hop é arte que salva vidas  
Machismo é vírus somos a vacina, plow*

- Drik Barbosa em “Poetas do Topo 3.1”

Essas são algumas das artistas que nessa última década tem feito parte das minhas audições diárias. São MCs que eu realmente busco ouvir de tempos em tempos, como eu busco Bk', Marcelo D2, Racionais MCs ou mesmo discos clássicos internacionais.

Eu considero impossível que um fã de rap não escute um disco como Diretoria (2021) da Tasha & Tracie e não consiga reconhecer que as gêmeas possuem uma das canetas mais afiadas da cena, trazendo sua vivência de uma forma orgânica. Elas tem se provado, a cada lançamento e inúmeras colaborações que a música vai além do estúdio, que as experiências de vida são essenciais para uma boa produção de rap.

*filha da puta sai da frente  
a não ser que cê queira morrer defendendo bens  
de quem tirou tudo da gente  
quem colhe e quem planta é você  
mas quem engorda é ele  
nós fica sem nada e divide  
tô cansada de ser refém  
hoje é nós que vai render, ãhn  
na contenção, de canhão na mão  
cada um na sua posição  
redobrando a atenção  
hoje nós não perde não  
pode vir que nossos traumas nos deixaram brutal  
morte em vida é viver debaixo da sua bota  
miséria é o rastro que vocês deixam onde passam  
negócio de branco é peculato  
produto final de um esquema grande calculado*

- Tasha

Artistas como Duquesa, Ebony e Ajuliacosta hoje são praticamente unanimidades nas minhas playlists diárias e de quem diz gostar de rap hoje em dia. Além destes artistas estarem produzindo excelentes músicas, também fazem um trabalho visual e uma participação nas redes sociais que é fundamental para estar em evidência nos dias de hoje. Afinal, o rap se tornou um dos gêneros mais escutados dominando não apenas os fones, mas as interações das redes sociais.

Músicas como “Você parece com vergonha”, “Tá Eu e a Nicole” e “Espero que Entendam” são alguns dos exemplos de hits que conduzem os comentários, geram discussões e se estabelecem como “trending topics” por dias. Muito por conta de toda a produção que envolve seus videoclipes e todo conteúdo gerado ao redor dessas músicas. Há competitividade, bom humor e assuntos que diferem dos mais óbvios, mesmo quando se fala de amor - olhe, por exemplo, “Você parece com vergonha” que trata de relacionamentos abusivos.

Poderíamos falar de slipmami que se inspira no hardcore e faz quase que uma sátira as músicas explícitas e com tiradas inteligentes. Ou ainda

de promessas como Cold Jass e Afreekassia que colocam em evidência a mulher negra em uma perspectiva e musicalidade quase que ancestral. É até um tanto injusto citar alguns nomes com tantas artistas surgindo e dominando a cena no trap, grime, boombap ou qualquer gênero/subgênero relacionado ao rap.

Sem contar o espaço que vem sendo conquistado por mulheres trans como Linn da Quebrada, que tem trabalhos expressivos como Pajubá (2017) e Trava Línguas (2021) citados e servindo de inspiração por muitos artistas, Monna Brutal, que nos últimos anos tem se destacado em diversos projetos coletivos e pelo apuro técnico na entrega e flow, e Sodomita, sendo uma das melhores artistas do grime nacional.



*Hey, mano, meu flow controla esse puto  
Mas meu corpo te dá um sacode, igual Lucy Liu  
Ela se sente atacada, deve ser a única Paqueta do Brasil  
Putos são impactados, mas serão empacotados por um  
fuzil  
Tipo o som da AK-47, você não passa pelo funil*

- Monna Brutal em "Quebrada UFC"

Ou ainda poderíamos dedicar textos como esse falando das produtoras, djs, empresárias, videomakers, fotógrafas, maquiadoras e muitas outras mulheres que vêm carregando a cena para outros patamares. Para não deixar de citar alguns nomes neste aspecto, gosto muito do trabalho da DJ Brum, que a partir do seu Baile tem levado o rap para festivais de destaque no sul do país, o delicado trabalho visual de Autumn Sonnischen e Marina Deeh nos projetos de Don L, e Fernanda Souza, que expressa a cultura por todas as suas campanhas e videoclipes.

Eu me considero um nerd do rap, daqueles que gostam de se aprofundar nos detalhes de um disco, conhecer histórias dos bastidores. Porém, de maneira bem simples e direta, não tem como falar de rap nacional sem citar algumas das artistas que mencionei neste texto ou outras, que infelizmente, deixei de citar. Poderíamos continuar a dissecar artistas como Gabz, Stefanie, MC Luanna, Kamilla CDD, Budah, Azzy, NINA, Souto, Juju Rude e muitas outras.

Hoje, o rap feminino é parte integrante e indissociável do rap nacional, tendo as mulheres como vanguarda da criatividade, seja nas produções, nos videoclipes, nos shows e tudo que acompanha a construção de um artista rap nacional contemporâneo.

Espero que cada vez o ouvinte de rap deixe estas diferenças de gênero de lado, colocando estas artistas nas principais discussões quando falamos da cena. Tal como a minha trajetória, espero que outros fãs de rap possam ser sensíveis à perspectiva

feminina e contribuam juntos para que as mulheres permaneçam tendo espaço e voz no rap nacional.

Afinal, por que falar de rap femino quando o rap desde seus primórdios adota uma perspectiva de união? E como ignorar artistas que produzem na contramão de uma cena estagnada e repetitiva? O rap sempre esteve na ponta da originalidade na indústria musical, não podemos perder essa característica e se são as mulheres as responsáveis, que seja dado o devido crédito.

---

Agradecemos especialmente aos meus amigos Matheus de Moura, Raissa Lima e Michel Chermont que ajudaram a revisar e sugerir ajustes no texto.

# NARRATIVA



Foto por:  
Cadu Passos







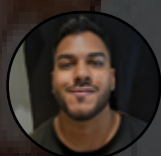






flagra...

# DESCOBRINDO O VALOR DA ESPERANÇA SOB OS TRAUMAS DO PASSADO



Texto por:  
Paulo Neto



Já se passou um ano desde que o segundo álbum “Eu Ainda Tenho Coração”, do rapper carioca Leall, foi lançado. Esse é aquele tipo de obra que só melhora com o tempo — quanto mais você escuta, mais percebe sua profundidade, envelhecendo como um bom vinho.

Com uma qualidade técnica notável que se destaca ao longo de todo o álbum, graças às produções marcantes e bem arranjadas de Babidi, Mello e Pedro Apoema, seja em drills envolventes, ou até mesmo um boombap sensacional que garantem bons replays, o disco estabelece uma conexão direta com nós, jovens nascidos na pobreza. Após muita luta, quando finalmente conquistamos uma vida mais saudável, nos deparamos com a culpa que insiste em surgir ao nos permitirmos desfrutar desses momentos de alívio.



## EU PRECISO TER FOCO, EU NÃO POSSO CAIR

Leall demonstra uma maturidade lírica impressionante ao construir um mosaico emocional que equilibra a dureza de suas vivências passadas com a ternura de seu presente. Essa dualidade sustenta o conceito do disco: de um lado, o jovem frio, “Esculpido a Machado” em um ambiente hostil; de outro, o homem da casa, super responsável, que emerge como pai e provedor. O ponto em comum entre essas duas versões de si mesmo? A incessante busca por dar o melhor de si na missão de fazer mais dinheiro.

Nesse corre pelas notas, as experiências marcantes, seja na violência ou na música, forjam um lado mais racional e frio, quase como um mecanismo de sobrevivência. Esse instinto natural se enraíza na personalidade, amplificando o ego. Ao mesmo tempo, a necessidade de oferecer o melhor para a família intensifica a autocobrança, criando uma postura focada tanto na vida quanto na arte.

Essa combinação faz de Leall um rapper extremamente produtivo e consciente de cada passo que dá em sua carreira. Contudo, essa mesma cobrança parece impedi-lo de aproveitar plenamente as conquistas pelas quais tanto lutou. É como se o esforço para alcançar seus objetivos trouxesse um peso proporcional ao valor que ele atribui a cada vitória — um peso amplificado pelo trauma de escassez que carrega do passado.

Toda essa carga emocional e autocobrança encontra na pressão socioeconômica imposta por esse sistema capitalista opressor em que vivemos. Afinal, o dinheiro, nesse contexto, se torna um mal necessário, um papel dobrado pelo qual muitos matam e morrem.

Leall sabe que precisa se libertar dessa angústia. Ao ouvir o álbum da primeira à última faixa, percebemos um percurso: um caminho árduo em direção à cura. As primeiras músicas são rítmicas, sombrias e carregadas de angústia, enquanto as últimas quatro faixas trazem uma sonoridade melódica, mais leve e cheia de esperança. Essa transição representa uma mudança de perspectiva, redefinindo as metas de Leall para algo mais humano e saudável.

Mesmo sob o peso esmagador da responsabilidade, ele encontrou, no amor incondicional pelo filho, uma nova visão. Enxergou terras férteis além das trincheiras que antes nublavam sua mente e torturavam seu espírito. E, ao fazer isso, Leall prova que não foi completamente dominado pelos traumas ou pela ganância. Ele nos entrega um álbum que não apenas reafirma sua genialidade artística, mas também expõe a angústia de um bom coração, como uma boa sessão de terapia.

---

# Nabru - Desenredo



Texto por:  
Lucas Freire

**A profecia se concretizou como previsto: “BH virou Compton”.** A frase empunhada por Djonga em 2017, quando ainda parecia apenas uma projeção, já indicava o quanto Minas Gerais se tornaria um dos polos mais prolíficos do rap brasileiro. E a Nabru é mais uma artista que saiu desse celeiro, mais precisamente da comunidade da Pedreira Prado Lopes, a favela mais antiga da capital Belo Horizonte. Em ‘Desenredo’, seu disco de estreia, abandonando o lo-fi e se entregando de vez ao boom bap, Nabru tenta encapsular uma vida inteira em 18 faixas, mas parece um pouco perdida entre tantos eventos.

O primeiro disco de um rapper sempre traz muitas aspirações e ansiedades. Afinal, é o primeiro, o cartão de visitas, o capítulo 1 de uma trajetória. Nesse sentido, a responsabilidade é proporcional à expectativa. É do BK a frase que diz que o primeiro álbum é o resumo da vida do artista até ali. Isso, sendo colocado em uma cultura que preza por “cantar o que vive”, ganha outro grau de significado e implica muitos desafios.

A sinceridade sempre foi uma marca registrada do trabalho de Nabru desde seu primeiro EP, ‘Marquises e Jardins’ (2019). Ouvir qualquer projeto da artista é como sentar em um consultório psicológico e vê-la se despir de qualquer amarra sobre os instrumentais, deixando todas suas neuroses aflorarem. O problema surge quando esses pensamentos confessionais soam confusos e desorganizados dentro da narrativa musical proposta, o que, por muitas vezes, durante o álbum, tira a atenção do ouvinte do material principal: a música.

*“Seu sonho é ser real como eu venho sendo”*  
— A crítica das armas

Nabru fala sobre as dificuldades de estar na rua atrás do “corre” para fazer dinheiro, sobre o medo da morte, sobre ser uma mineira em São Paulo, sobre sua relação com a vida acadêmica sendo uma mulher negra de favela — Nabru é estudante de Letras na USP —, sobre sua experiência como pixadora, sobre criminalidade, sobre sua paixão conflitante com a literatura... No meio do percurso, ainda sobra tempo para um house que fala de amor. São muitos os temas contidos em ‘Desenredo’. É realmente um disco riquíssimo em conteúdo, nascido do desamaranhar de uma vida, mas a falta de uma narrativa que consiga

interligar todos esses pontos faz com que pareçam apenas sentimentos jogados na tela, sem apresentar uma linha de raciocínio, sem necessariamente formular uma coesão entre eles.

Cada parte das 18 faixas compõe e explica um pouco da personalidade de Nabru, seus medos e anseios, mas juntas não formam uma história digna da entrega que ela propõe. Aliás, é em faixas com temas mais fixos ou mais bem amarrados, como Letramento, Confissões de Um Vira-Lata e Passarinho Urbano, que o disco atinge seu ápice. Em outras partes, o excesso de músicas que não avançam ou aprofundam situações parece estar sobrando na playlist do álbum, que poderia ser mais curto e conciso.

Em contrapartida, em comparação a outros trabalhos da artista, ‘Desenredo’ pode definitivamente ser considerado um amadurecimento, principalmente no que tange sua imposição vocal e escolha de beats. Sua “caneta” continua o que sempre foi: única e incisiva, “caligrafia mineira”, como ela mesma descreve. Porém, talvez o ponto mais baixo do projeto seja a escassez de refrãos marcantes que consigam estabelecer ligações entre os versos ou criar momentos de respiro em meio à sequência de rimas. No fundo, o disco acaba soando como uma enorme mixtape que foi batizada de álbum porque sim.

*“Pra quem tem cor e classe, o clima é sempre tenso”*  
— Passarinho Urbano

Em resumo, ‘Desenredo’ é como o título daquele filme: tudo em todo lugar ao mesmo tempo. Que é um bom filme, assim como ‘Desenredo’ também é um bom álbum. Isso não tira sua legitimidade nem diminui sua importância para a carreira da artista, que continua sendo uma das maiores revelações do rap underground, mas pode soar desamarrado demais para ouvidos criteriosos.

---

Melhores músicas: Confissões de Um Vira-Lata, A Crítica das Armas, Letramento, Passarinho Urbano.

**Nota: 7,0.**

# Experiência Fem.



Texto por:  
**Sah de Aquino**



*Amigas, temos um problema! Um homem bateu em minha porta e eu abri, acho que meu erro começou aí. E se eu te disse que na hora nem percebi, amiga? Já estava presa numa dependência emocional que não era capaz de ver e ouvir nada e ninguém.*



O rap, como expressão artística e cultural, sempre foi um reflexo das vivências da quebrada e das resistências sociais. No Brasil, o rap feminino ganha relevância não apenas pela força de suas narrativas, mas também por ressignificar um espaço historicamente dominado por vozes masculinas. A presença de mulheres no gênero, vai além da simples ocupação: é uma reconstrução de perspectivas e um grito coletivo de experiências que muitas vezes foram silenciadas.

Ter rappers mulheres cantando sobre suas vivências e para outras mulheres é uma forma de democratizar o discurso no hip-hop, trazendo questões específicas do universo feminino, como autonomia, sexualidade, violência, maternidade, racismo e padrões de beleza. Essa abordagem confere ao rap feminino uma profundidade única, pois não apenas amplia a representatividade, mas também valida histórias que antes eram marginalizadas. Cada verso se torna um espaço de identificação e inspiração, seja ao denunciar a opressão ou celebrar a força e a resistência feminina.

Além disso, essas artistas constroem narrativas que desconstróem estereótipos. O rap feminino brasileiro não se limita a temas “femininos” em sua concepção tradicional, mas aborda questões sociais

amplas a partir de uma lente única. Ao falar sobre conquistas, lutas de classe, sexualidade e liberdade de escolha, rappers como **Karol Conká**, **Drik Barbosa**, **Mc Tha**, **Duquesa**, **Ajuliacosta**, **Ebony** e entre outras, mostram que o feminino não é uma limitação, mas uma perspectiva que enriquece o debate social.

As letras de **Ebony** são um manifesto irônico e empoderado que subverte padrões estéticos e comportamentais, exaltando o “garoto feio” por sua devoção e servidão enquanto celebra a independência feminina, tanto sexual quanto financeira. Com humor ácido, referências culturais e linguagem explícita, elas misturam autoconfiança, críticas sociais e sátira, criando uma narrativa que desafia normas tradicionais e exalta o poder pessoal de forma provocativa e bem-humorada.

Relacionamentos abusivos não começam com gritos ou violência explícita, mas sim, com pequenas invasões à individualidade e controle mascarado de cuidado. Estudos mostram que a dinâmica desses relacionamentos muitas vezes é enraizada em ciclos de manipulação e poder, com o agressor usando estratégias de gaslighting e dependência emocional para subjugar a vítima. Essa complexidade é ecoada em versos como os de **Duquesa**: “*Se você não for ligeira, que adianta ser bonita?*”. Aqui, a rapper expõe a necessidade de esperteza e autoconfiança para resistir ao controle emocional. Além disso, ela oferece conselhos práticos sobre independência financeira e autoestima, enfatizando que o amor nunca deve anular os sonhos e projetos.

A música também ilustra como o abuso pode ser normalizado, especialmente em contextos de vulnerabilidade. **Ajc** canta sobre ciclos repetitivos, onde a vítima perde sua identidade, refletindo os padrões identificados por psicólogos como sinais de codependência. “*Parou com o trampo, parece que cê perdeu o brilho*” reforça como o isolamento e a dependência financeira, muitas vezes estimulados pelo parceiro abusivo, são estratégias para manter o controle. Estudos da **Organização Mundial da Saúde** destacam que mulheres economicamente independentes têm mais chances de romper com relações tóxicas. Um ponto essencial das “dicas” que as letras do rap mencionam, são de como focar em projetos e não deixar o amor atrapalhar a independência.

Por fim, o impacto psicológico dos relacionamentos abusivos é devastador, mas, o processo de cura também é marcado pela resiliência. A visão de **Ajuliacosta** em *“Cai em ciclos viciosos por buracos afetivos”* reflete como traumas passados podem levar à reprodução de padrões, algo frequentemente observado em estudos sobre saúde mental. No entanto, a narrativa desses artistas não é apenas de dor, mas também de superação e empoderamento. Eles reafirmam que a saída está na reconexão consigo mesma, no fortalecimento interno e na busca por autonomia. *“Cuida da sua mente, cuida do seu corpo, fortalece a alma”*, assim como canta **Duquesa**, encapsulando a mensagem de que a liberdade começa dentro de cada um de nós.

---



# JAY ROCK

O primeiro MC da TDE



Texto por:  
**Guilherme Alves**



Todo mundo conhece Kendrick e SZA, mas para que eles chegassem onde estão, foi preciso muito trabalho da TDE para fortalecer a banca.

O primeiro artista da gravadora foi Jay Rock, rapper de Watts, que já tinha uma conexão com Top, o fundador da gravadora. Ser o pioneiro em uma iniciativa, além de ser uma postura corajosa, é também uma função desgastante.

Jay Rock assinou com a recém-fundada TDE em 2004. Naquele momento, não existiam holofotes ou glamour: apenas muito trabalho duro. Após a chegada de Rock, veio K.Dot (futuro Kendrick Lamar), também com muito potencial e que, inicialmente, se tornou o hype man de Jay. Em seguida vieram Ab-Soul e, por último, ScHoolboy Q, formando o tão aclamado grupo Black Hippy.

Por volta de 2007/2008, as coisas começaram a mudar: Jay Rock, através da TDE, assinou com a Warner Bros!



Na época, assinar com uma grande gravadora era o sonho de qualquer artista. Mais investimento, maior visibilidade, estrutura e a promessa de alavancar a carreira. Contrato assinado, todo mundo feliz, então era hora de trabalhar.

O que já era bom ficou ainda melhor: Lil Wayne, o maior rapper do mundo naquele momento, gravou uma participação com Jay Rock!

E o mais impressionante: Wayne não cobrou absolutamente nada por isso. Punch, um dos fundadores e executivos da TDE, revelou em entrevista que, no mesmo dia em que gravou o clipe com Jay, Wayne já havia gravado outros dois. Ou seja, ele participou porque realmente gostava do movimento que a TDE estava criando.

Mas o que parecia ser um céu de brigadeiro rapidamente virou o inferno de Dante.

Após mudanças internas, a Warner decidiu romper o contrato com Jay Rock. Além de dispensar o artista e a TDE, a gravadora sequer avisou que estavam sendo desligados. Era evidente que eles queriam se livrar da TDE a qualquer custo. A única coisa que a banca levou dessa confusão foi uma van — sim, eles pegaram uma van da Warner e meteram o pé. E não, não é a mesma van que aparece na capa de 'Good Kid, M.A.A.D City'.

Passado o golpe da Warner, a banca continuou trabalhando duro e desenvolvendo seus artistas. Tempos depois, vieram as explosões de Kendrick, ScHoolboy Q, Ab-Soul e, por último, a brilhante (e "mentirosa") SZA.

Enquanto isso, Jay Rock seguia firme no corre.

Em 2011, ele lançou seu primeiro álbum, 'Follow Me Home', e em 2015, o aclamado 90059. Mas em 2016, ohnny sofreu um gravíssimo acidente de moto, que resultou em ossos e a pelve quebrados.

Agora, imagine: você é o primeiro MC da banca, é TRAPACEADO por uma grande gravadora, quase morre em um acidente e, mesmo após tudo isso, vê todos que vieram depois de você alcançando voos maiores. Qualquer um se sentiria diminuído. Mas não Jay Rock.

Em vez de alimentar inveja, ele sempre se mostrou o OG da galera, apoiando os mais novos na correria. E, finalmente, toda essa paciência e trabalho duro foram recompensados.

No início de 2018, Jay lançou o single 'King's Dead', em colaboração com Kendrick Lamar e Future, com produção de James Blake.

O single EXPLODIU, trazendo Rock de volta à cena. O clipe é incrível, e o último verso do Future — engraçado demais — encaixou perfeitamente! Future revelou em uma entrevista à Genius que gravou

duas versões para a faixa: uma mais “séria” e outra “de zoeira”. A galera curtiu tanto a versão de zoeira que ela se tornou oficial.



Ainda em 2018 — um ano excelente para o hip-hop —, Jay Rock lançou o ótimo álbum ‘Redemption’. No melhor estilo TDE, o álbum apresenta produção impecável do início ao fim, acompanhado por rimas afiadas de um pioneiro com muita fome de vitória.

- Em The Bloodiest, Rock é letal.
- Em Tapout, ele chamou Jeremih para o refrão, criando um hit comercial que faz qualquer um dançar.
- Em OSOM, com J. Cole, a parceria gerou um baita audiovisual.
- Em Wow Freestyle, com Kendrick, eles resgataram a sintonia que sempre tiveram desde os primórdios da TDE.
- E em WIN, ele simplesmente... venceu!

Para coroar o trabalho bem feito, WIN e ‘King’s Dead’ foram nomeadas ao Grammy, com esta última vencendo na categoria de Melhor Performance de Rap.

# TYLER, THE CREATOR CHROMAKOPIA

Não se esconda atrás de uma máscara.



Texto por:  
Alexandre Prado

Deixando para trás a controvérsia de sua origem na cena do rap, Tyler, the Creator lança seu 8º álbum de estúdio, apresentando o projeto mais honesto e transparente de sua carreira. Em 'Chromakopia', somos convidados a enxergar Tyler Okonma em suas verdadeiras cores. Desde o orgulho por sua etnia até suas relações não monogâmicas, Tyler nos conduz em uma jornada de autoconhecimento e autoaceitação em meio à caótica vida adulta — uma vida na qual sua carreira, talvez, tenha atrasado um pouco sua maturidade em relações interpessoais.

Com participações de Daniel Caesar, SchoolBoy Q, Sexxy Red, entre outros artistas renomados, 'Chromakopia' é o álbum mais direto e incisivo de sua discografia. Tyler explora temas como a paranoia, os lados negativos da fama e o reconhecimento de sua posição como uma das vozes mais influentes na indústria musical e na moda.

A única faixa que parece mais aberta a interpretações é "Hey Jane", na qual Tyler retrata um casal que acaba de descobrir uma gravidez não planejada, mergulhando nos anseios e dilemas que surgem diante dessa situação.

'Chromakopia' transmite uma mensagem essencial para aqueles que ainda se escondem atrás de máscaras. Em um mundo onde tantas pessoas, jovens e adultos, enfrentam dificuldades para aceitar e enxergar seu verdadeiro eu, o álbum se destaca como um convite à autenticidade. "Você é a luz. Não está sobre você, está dentro de você. Nunca, na p\*\*\*\* da sua vida, diminua seu brilho por ninguém."





**JANVI — CONTA  
COMO PRODUZIU  
SEU PRIMEIRO EP  
EM MEIO A UM  
TURBILHÃO  
DE — EMOÇÕES**

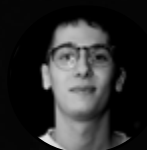


Foto por:  
Danilo Valadares

01.  
BRABA

02.  
CONFISSÕES DE ABANDONO

03.  
NARRATIVAS DE  
UMA MALAKA

EP.

NARRATIVAS DE UMA MALAKA

Cheia de vida. Esse é o significado do nome de origem indiana “Janvi”, que a rapper e produtora paranaense Carolina Kurup carrega consigo. Curiosamente, a artista parece ter diversas vidas, mesmo acreditando que temos apenas um ciclo e que devemos aproveitá-lo ao máximo, sem desperdiçar oportunidades — um aprendizado valioso transmitido por seu pai.

Além desses ensinamentos, seu pai também desempenhou um papel importante em sua trajetória musical. Segundo Janvi, foi ele quem a apresentou a diversos gêneros musicais, como jazz e soul, graças à sua vasta coleção de CDs, que ultrapassa 500 unidades. Esses novos estilos musicais despertaram na rapper o desejo de estudar e incorporar novas referências em seus projetos.

Quanto ao processo criativo, a artista se define como inquieta. Durante a entrevista, Janvi levantava-se frequentemente para buscar água, seda e utensílios que a ajudassem a preparar um cigarro. Essa inquietação reflete sua busca constante por referências e conhecimento, sempre com o objetivo de aprimorar a qualidade de seu trabalho.

## EXPRESSÃO DO ÍNTIMO



Seu primeiro EP, “Narrativas de uma Malaka”, reúne três faixas em que Janvi mergulha no boombap clássico, com scratches feitos pelo DJ Batata’Killa e influências marcantes do jazz estadunidense. Produzidas por LH nos Beats, as músicas são, segundo a artista, “um desabafo sobre relacionamentos, sobre a vida e a constante luta para sair do isolamento e da sensação de luto ou apuros. Falam sobre nós, mulheres de cor,

no mais íntimo e abissal. Em meio a tantas ilusões e promessas vazias, ainda revolucionamos nosso entorno todos os dias.”

A faixa de abertura, “Braba”, explora as nuances de um relacionamento enquanto Janvi rima sobre ser independente e não precisar de um amor que jogue com seus sentimentos. Na sequência, “Confissões de Abandono” aborda a trajetória da rapper para se reerguer após um relacionamento, aprendendo a enxergar suas próprias qualidades. Já a última faixa, que dá nome ao projeto, é uma reflexão sobre sua evolução na carreira e como ela se enxerga como uma referência, não apenas para outros artistas, mas também para as pessoas ao seu redor.

Considerado seu trabalho mais íntimo, Janvi conta que, ao receber os beats, passou “três horas escutando sem parar”. Nesse tempo, foi escrevendo as letras como se precisasse desabafar, já que estava enfrentando um momento pré- crise. Suas emoções estavam tão à flor da pele que conseguiu escrever as três músicas em apenas um dia. Ao reler o que havia criado, sentiu-se vulnerável e exposta de uma forma que nunca havia experimentado em seus trabalhos anteriores.

## FORTALECENDO A CENA

Não é apenas na música que Janvi demonstra seus talentos. A artista também atua como modelo e anda de skate, esporte que lhe proporcionou diversas oportunidades. Por meio do skate, a rapper entrou em contato com a Converse, que passou “a me enviar tênis durante um ano (2022 — ano em que me mudei para São Paulo pela primeira vez, passando seis meses na Terra da Garoa antes de retornar ao Paraná)”. Após esse período, Janvi percebeu que a marca estava investindo em artistas e projetos autorais. Foi então que decidiu planejar algo próprio para apresentar aos representantes da Converse.

Em 2023, a artista retornou à capital paulista, onde reside até hoje, com um projeto planejado para o Converse All Stars, uma iniciativa da marca de calçados que reúne pessoas de todo o mundo para promover networking e desenvolver criações por meio de financiamento, com o objetivo de profissionalizar os participantes.

Sua apresentação girou em torno de seu álbum, previsto para ser lançado ainda este ano, VemSer. Contudo, sua primeira proposta ao Converse All Stars foi recusada. Persistente, Janvi submeteu o projeto

novamente dois meses depois e, desta vez, ele foi aceito. A partir daí, a artista passou a reestruturá-lo, trabalhando em uma ideia que já estava em desenvolvimento, apesar dos obstáculos enfrentados ao longo da produção.

Após o investimento da Converse, o produtor originalmente envolvido no álbum tentou renegociar o acordo inicial — uma divisão de ganhos 50-50. Ao recusar a nova proposta do beatmaker, Janvi precisou regravar todas as faixas com outro produtor, seu amigo Safê. A rapper já revelou que o trabalho vai transitar entre o boombap e o drum and bass.

O que começou como um álbum evoluiu para algo maior: assim nasceu o Laboratório VemSer, um projeto que busca conectar diferentes artistas para criarem juntos. Entre as iniciativas do laboratório, destaca-se o LabVemSerSessions, que apresentará nove MCs femininas e seus trabalhos autorais. O primeiro episódio será lançado no dia 31 de janeiro no canal do YouTube do projeto.

Até o momento, as rappers confirmadas são: Janvi, Ayra, BaB, Azurah, Bella V e BabyLuna. O Laboratório VemSer também explora produções no universo da moda. Com o apoio financeiro da Converse, foi possível confeccionar peças de roupa que complementam o aspecto audiovisual do projeto, expandindo ainda mais o alcance artístico do laboratório.





# Sant - Convicto

Já em seu quarto disco, o rapper falha em se comunicar com seu público e acaba transformando seu bom trabalho em uma viagem turbulenta.



Foto por:  
**Matheus Malerbo**



Se eu te dissesse, em 2016, quando o rap começava a entrar na sua “terceira era”, que em 2025 Sant teria lançado oficialmente quatro álbuns e um EP, você acreditaria? Difícil. O rapper, natural da Zona Norte do Rio de Janeiro, ficou por um tempo conhecido tanto pelo seu talento puro quanto pela escassez de material. Enquanto seus contemporâneos aproveitavam a ascensão do gênero no Brasil para lançar seus trabalhos, Sant permanecia à sombra de seu impactante EP de estreia, “O que separa os homens dos meninos”, e dos ótimos versos que circulavam no cenário, principalmente em feats e singles. Mas algo mudou na estratégia de sua carreira, e, desde o lançamento de “Rap dos novos bandidos” em 2021, ele nos trouxe até “Convicto”, seu trabalho mais pessoal, depois de “OQSHM”, como o mesmo revelou em um de seus posts de divulgação.



Definir um disco como “o trabalho mais pessoal” de um artista é uma afirmação que pode transformar completamente a experiência do projeto. Isso pode funcionar tanto a favor quanto contra as expectativas. A abertura, “Noites do Subúrbio”, é um bom exemplo para avaliar o quão disposto Sant está a expor suas vivências por meio das rimas. Na faixa, o MC explora suas sensações ao descrever o cotidiano da favela, onde passou grande parte da vida. Ele rima sobre as imagens que se acostumou a ver e sobre como esse ambiente moldou sua forma de pensar. A participação de Jotapê segue a mesma linha, trazendo imagens vívidas em suas rimas. Os arranjos da batida complementam perfeitamente a atmosfera noturna da faixa, reforçando sua temática.

Depois dessa introdução, tudo parece se tornar uma questão de perspectiva. Para alguns, a faixa pode ser a base sobre como Sant aborda sua introspecção ao longo do disco. Para outros, ela cria a expectativa de reflexões ainda mais profundas nas faixas seguintes, funcionando apenas como uma introdução para algo mais impactante. E essa percepção depende muito de quanto você acompanhou a carreira do MC. Não entendeu? Eu explico.

Os momentos mais pessoais do álbum aparecem em “Quantos?” e “Última Linha”, onde Sant reflete sobre temas como morte, consciência e indignação. São versos poéticos que provocam reflexões sobre a falta de equilíbrio e maturidade de si mesmo e da sociedade ao seu redor. A escrita complexa, característica que conquistou seu público ao longo de sua carreira, está presente aqui. Mas o problema surge no fato de que essas duas faixas contêm versos reciclados, já conhecidos pelos fãs. Não se sabe ao certo o que motivou o relançamento desses versos, mas o fato é que para um novo trabalho, esse tipo de movimento puxa o conceito para baixo. E Apesar da nova roupagem – com beats reformulados, vocais adicionais e adição de refrãos – o uso de composições antigas contrasta com a ideia de um disco novo e maduro, criando uma sensação de que algo ficou aquém.

E não para por aí. A faixa “DHC” também reutiliza versos antigos, levantando dúvidas sobre o que exatamente Sant quis dizer com “trabalho mais pessoal”. A ausência de uma abordagem consistente à introspecção e à vulnerabilidade acaba frustrando, não por ser ruim, mas por não corresponder à expectativa gerada. É como entrar em uma sala de cinema esperando um filme de Walter Salles e dar de cara com um de Martin Scorsese: ambos podem ser excelentes, mas não tem nada a ver com o outro.



Ainda assim, o disco tem seus momentos de brilho. “Qual Foi” traz versos fortes com colaborações de Murica e Lis Mc, enquanto “Santorua” impressiona ao ser construída inteiramente como um tautograma, onde todas as palavras começam com a mesma letra. Já “Nql Beco” é uma banger descontraída, que junta Borges e AçúK em um storytelling envolvente e uma batida rica em texturas. Por outro lado, há faixas como “Joias no Cofre” – uma cypher com os rappers gringos Guilty Simpson e Phat Kat – que, embora tecnicamente bem executada, não gera nenhum impacto.

Em resumo, o disco alterna entre momentos memoráveis e instantes de frustração, especialmente para os que esperavam algo mais profundo e inédito. Ele provoca reflexões, diverte e mostra a habilidade técnica de Sant, mas deixa no ar a sensação de que o conceito de “trabalho mais pessoal” foi subutilizado. É um álbum que possui um valor de replay razoavelmente alto, mas peca muito em suprir a necessidade que seu público mais exigente tem de receber o disco definitivo da carreira de Sant, que quase sempre demonstra em seus trabalhos que seu máximo potencial ainda não foi atingido.

---

Melhores faixas: Noites do Subúrbio,  
Nql Beco, Qual Foi e Santorua.

Nota: 6,0





Muito mais dúvidas sobre como dar o play  
Gabriel Diamantino - Inverso Rap

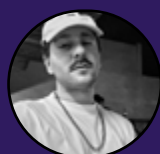


Foto por:  
Gabriel Diamantino

Eu não sei onde e quando esse texto começou e não faço por esperar aonde desaguará. O ponto é que, como sempre - e como deveria ser sempre- , tenho mais perguntas que respostas. O momento, inclusive, é marcado por muito mais perguntas do que gostaria.

Tudo começa de um jeito muito simples: meu cartão deu erro no spotify e meu plano premium foi cancelado. Descobri essa situação do pior jeito, ouvindo as propagandas mais carismáticas que o Spotify pode oferecer a seus ouvintes, falando sobre as incríveis oportunidades que se tem ao utilizar o aplicativo pago.

Particularmente, tomei como oportunidade, era a chance de ouvir mais podcasts, coisa que havia parado sem motivo algum, e de explorar outras plataformas, como o Youtube.

Meu primeiro momento no Youtube foi a redescoberta de coisas que aparentemente eu ouvia em um looping imparável. Entre elas estava a saudosa A Área do Shaw - e a mágica produzida pelo Papatinho. A curiosidade me pegou quando pensei que nunca sequer dei um play nela no Spotify, afinal, as coisas também são fruto de seus tempos e contextos.

Começo a me perguntar, quantas serão as músicas que não conseguia parar de ouvir e nunca mais dei um play ou sequer lembro que as ouvia com tanto empenho? Contexto é tudo e poderia até começar a citar as faixas que me apareciam, como uma infinidade de faixas de Projota, Rashid, Emicida, Flora Matos, algumas do Tubaína, e até Cone Crew .

Era uma outra época, de fato, esperando o lançamento de clipes, vendo se eles passariam na MTV, interações no Twitter, e passar horas a fio, pulando de vídeo em vídeo, descobrindo coisas. Não era impossível se deparar com uma faixa que nunca havia ouvido de algum artista que jurava que conhecia todas as músicas que havia lançado.

E de vídeo em vídeo, novas músicas, novos artistas. E o diabo, amigos, está nos detalhes: talvez a facilidade, a personalização, o algoritmo, tudo isso seja mais prisão que futuro. A inércia é complicada, você está imerso, sequer consegue perceber que toca os mesmos artistas todos os dias. A sensação de descobrir um artista, uma música, um álbum, ao acaso, em um play desprezioso ou um automático culposos é uma sensação longínqua.

Vão falar é claro, que isso é a “bolha”, que as pessoas estão vivendo nelas, em lugares seguros. Eu digo ao contrário, são as ferramentas, são os aplicativos, são os serviços que estão retirando a autonomia, que estão aprisionando, que estão matando aos poucos as relações com a arte para além do entretenimento.

E para além das coisas que havia esquecido, tem o mundo da profanação de direitos autorais - e não estou falando de plágios -, da exploração de novas versões, dos remix, dos beats, dos comentários emocionados e, até, o convite para os passeios pelo soundcloud e suas esquisitices únicas e incríveis. Como se o mundo não tivesse parado, apenas eu que estivesse perdido.

Porque, no fim, até quanto a forma como temos acesso, como consumimos, como chegamos a alguma coisa, molda tudo que vem depois? Novamente, somos refém. E os artistas, por sua vez, podem cair fácil no jogo, tornando-se refém também.

Porém, quanto disso tudo é só nostalgia e medo do futuro? Já que eu realmente tenho medo de soar um defensor de uma plataforma em detrimento de outra e não é isso que pretendo. É apenas que, navegando, descobri que algoritmos são facetas de formas do meu gosto, mas não são eles por completo e ele está em constante transformação, quando não está trancado em uma rotina platôformaresca. Quase como se quisesse atingir uma forma de consumo ética e utópica se estamos inseridos no capitalismo e a busca por sobreviver - de fãs, de artistas, de músicos, de todo tipo de gente.

A arte, a vida e o futuro só existirá para além do algoritmo. Ainda, quanto disso depende de mim?

---



# A Inverso e a Flagra celebram uma parceria.



Ficou sabendo? A Flagra Rap produziu dois textos que estão disponíveis nesta edição da Revista Inverso. Assim como a Inverso, a [@flagarap](#) é um veículo de mídia focado no Rap e na cultura Hip Hop e publica análises, coberturas e entrevistas com artistas da cena.

DESIGN POR GABRIEL DINIZ

## EXPEDIENTE

Inverso Rap Brasil

Edição: Nº 2 - Janeiro de 2025

Editor-Chefe: Sarah (Sah) de Aquino e Matheus Malerbo

Organização: Diana Paraiso, Gabriel Diamantino, Matheus Malerbo e Sarah (Sah) de Aquino

Contato: contato@inversorap.com.br

Contato Acessoria: colaboracao@inversorap.com.br

Contato Release: release@inversorap.com.br

Contato conteúdo colaborativo: colaboracao@inversorap.com.br

Colaboradores:

Amanda Braun  
Alexandre Prado  
Danilo Valadares  
Diana Paraiso  
Gabriel Diamantino  
Gabriel Diniz  
Guilherme Alves  
João Augusto  
Lucas Freire  
Luiz Pedro (LP) Pires  
Marina Reis  
Matheus Malerbo  
Ravi Freitas  
Sarah (Sah) de Aquino

Colaboradores convidados: Carlos Eduardo (Cadu) Passos

Kleber Britz

Matheus Andres Calixto Soares (JARNALDAO)

Paulo Neto

Projeto gráfico e diagramação: Sarah (Sah) de Aquino

Periodicidade: Anual

Número 02 - Janeiro 2025

Esta publicação adota a licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0, que permite compartilhar, distribuir e reproduzir o material publicado em qualquer meio ou formato, mediante atribuição de autoria. É vedado o uso comercial sem autorização. Trabalhos derivados desta publicação devem ser licenciados sob os mesmos termos.